

Atas das 4<sup>as</sup>

# CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO / CITCEM

2016  15 de julho

## VINDOS DE LONGE



ESTRANGEIROS NO DOURO



ATAS das 4<sup>as</sup>

**CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO /CITCEM – 2016**

**VINDOS DE LONGE. ESTRANGEIROS NO DOURO**

Disponível online em [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

#### ABREVIATURAS

**CI&DETS** – Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde

**CEGOT** – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da FLUP

**CITCEM** – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

**MON - CNRS** – Centre National de la Recherche Scientifique, Lyon

**DL** – Diocese de Lamego

**DRCN** – Direção Regional de Cultura do Norte

**ESTGL** – Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**FLUP-CEGOT** - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**IPP** – Instituto Politécnico do Porto

**ML** – Museu de Lamego



## ORGANIZAÇÃO

ML-DRCN / CITCEM- FLUP

## AUTORES

Amândio Barros (CITCEM; IPP)  
Didiana Fernandes (ESTGL; CI&DETS)  
Fátima Matos (FLUP/CEGOT)  
Gaspar Martins Pereira (CITCEM)  
Maria do Carmo Serén (CITCEM)  
Mário Jorge Barroca (CITCEM)  
Pedro Pereira (CITCEM/MOM-CNRS)

## CONCEÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Pe. Hermínio Lopes (DL)

## IMAGEM DE CAPA

"Rio Douro"; Cónego José Correia de Noronha; 2ª metade de século XX © Museu de Lamego - Direção Regional de Cultura do Norte

## EDIÇÃO

Museu de Lamego - Direção Regional de Cultura do Norte

## DATA DE EDIÇÃO

Dezembro de 2016

## e-ISBN

978-989-99516-2-4

O conteúdo dos textos, direitos de imagem e opção ortográfica são da responsabilidade dos autores.



**R CULTURA**  
**Δ NORTE**



## APOIOS

Liga dos Amigos do Museu de Lamego  
Diocese de Lamego  
Município de Lamego  
Hotel Lamego  
SoltaGiga  
Casa de Santo António, Britiande  
ESTGL - Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Lamego

# Índice

## «VINDOS DE LONGE: ESTRANGEIROS NO DOURO»

### CONFERÊNCIA DE ABERTURA

**Maria do Carmo Serén** (CITCEM)

De Forrester a Biel, de Mark Klett a Dussaud: a construção de modelos do olhar fotográfico no Douro ..... 09

### PAINEL 1

#### DOURO, UM CORREDOR DE POVOS E CULTURAS

**Pedro Pereira** (CITCEM/MOM-CNRS)

Estrangeiros no Vale do Douro – os romanos na transduriana provincia..... 25

**Mário Barroca** (CITCEM/FLUP)

Muçulmanos e cristãos no Douro português (séc. VIII a XI). ..... 33

**Amândio Barros** (CITCEM; IPP)

Estrangeiros no Douro nos finais da Idade Média e princípios da Época Moderna  
(notas de investigação) ..... 49

### PAINEL 2

#### ESTRANGEIROS NO DOURO VINHATEIRO

**Fátima Matos** (Departamento de Geografia da FLUP/CEGOT)

Um inglês no Douro dos anos trinta: John Gibbons ..... 65

**Didiana Fernandes** (ESTGL, CI&DETS)

O Douro Vinhateiro nos guias de viagem estrangeiros dos séculos XIX e XX (1845-1974)..... 75

**Gaspar Martins Pereira** (FLUP/CITCEM)

Trabalhadores galegos no Douro vinhateiro ..... 81



### **Nota biográfica:**

**Didiana Margarida Fachada Lopes Fernandes** é licenciada em Gestão e Planeamento em Turismo (1997) pela Universidade de Aveiro (Portugal). Em termos profissionais esteve sempre ligada à docência na área do Turismo.

Em 2005 fez uma especialização em Construção de Memórias Históricas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e prestou as suas provas de mestrado em Estudos Locais e Regionais, em 2007, pela mesma instituição (FLUP, Porto, Portugal).

É doutorada desde 2014 em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Atualmente é professora adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu e investigadora integrada do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS).

Desenvolve investigação na área da interdisciplinaridade do ensino em turismo, na área do desenvolvimento do turismo e dos estudos locais e regionais em turismo, na área da conceção de itinerários turístico-culturais e ainda no âmbito da literatura de viagens e da leitura histórica do espaço.

# O Douro Vinhateiro nos guias de viagem estrangeiros dos séculos XIX e XX (1845-1974)

Didiana Fernandes

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu (CIDETS)

## Resumo

Este artigo- *O Douro Vinhateiro nos guias de viagem estrangeiros dos séculos XIX e XX (1845-1974)* - tem como finalidade estudar a forma como o espaço duriense foi percebido e divulgado ao longo do tempo, através dos guias de viagem estrangeiros (impressos e editados) e, conjuntamente, analisar as alterações sociais, culturais e espaciais, associadas à viagem por este território. A pesquisa inscreve-se no campo da experiência de viagem proposta aos viajantes: das motivações, das formas possíveis de se deslocar para e pela região, de permanecer nos lugares, do compor a paisagem. O motivo pelo qual se optou por estudar esta realidade prende-se com a clara percepção de uma insistente complexidade na criação de uma imagem sobre o Alto Douro.

## Palavras-chave

Alto Douro Vinhateiro, guias de viagem, espaço, representação.

## Abstract

This article- *The Douro Wine Region in foreign travel guides of the 19th and 20th centuries* - aims to study how the space was perceived and revealed over time, through foreign travel guides (printed and edited) and jointly analyse the social, cultural and spatial changes associated with the journey across the territory. The research falls within the field of travel experience offered to travellers: the motivations, the possible ways to travel to and from the region, the dwelling in this places and the landscape reading.

The option to conduct this study is due to a clear perception of a persistent complexity on the creation of the Alto Douro's image.

## Keywords

Alto Douro Wine Region, travel guides, space, representation.

## INTRODUÇÃO

Porquê eleger guias de viagem? Porque este meio de comunicação, pela forma como atua sobre o viajante, com a sua eficácia na transmissão de mensagens objetivas e claras, condensa o que é essencial e elementar do conteúdo das representações turísticas, embora nem sempre consensual. Poderá ser redutor mas não caberá aqui a análise destas fontes de estudo, da sua utilidade e das suas limitações.

Nesta apresentação, de forma sucinta, os principais objetivos passam por tentar:

- Reconstituir os momentos determinantes na cronologia de afirmação do Douro vinhateiro como espaço de visita; observar as alterações verificadas nas viagens pelo Douro, em grande parte determinadas pelo desenvolvimento tecnológico e industrial que permitiu o aparecimento e generalização de novos meios de transporte;

- Analisar a representação estética da natureza e dos ângulos sociais e culturais mais expostos nas reproduções narradas e, se possível, observar a evolução na conceção do(s) espaço(s) nos guias consultados.

Na verdade, esta abordagem estará sempre mais próxima da região designada no início do século XIX por “País Vinhateiro do Alto Douro”, que embora nunca chegasse a constituir um quadro político-administrativo autónomo sempre foi considerada uma região delimitada e com identidade própria.

Os limites da região produtora de vinho do Alto Douro e o levantamento cartográfico do seu espaço, na totalidade, e com rigor, são representados tardiamente, aquando da publicação, em 1843, do *Mappa do Paiz Vinhateiro* elaborado pelo Barão de Forrester (1831-1861), constituindo esta imagem, como que o início estabelecido para a nossa investigação, dado que, finalmente, a região do Alto Douro se encontrava cartograficamente fixada e difundida.

Mas não podíamos fugir ao período de generalização das viagens e do caminho-de-ferro e omitir as décadas em que os itinerários se diversificam, em que se criam novos hábitos e a viagem se generaliza e dissemina na Europa

Mesmo em Portugal, no início do século XX, o turismo é institucionalizado, com a criação do Conselho e Repartição de Turismo e de uma máquina de propaganda política que vai veicular uma nova imagem de Portugal que acabaria por abrir o País ao exterior.

O ano de 1974 surge como data limite da análise com a passagem ao Regime Democrático, marcando uma viragem no sector do turismo, com a sua reestruturação administrativa e a subsequente criação da Secretaria de Estado do Turismo.

## SELEÇÃO DE FONTES, METODOLOGIA E PRESENÇA DO DOURO VINHATEIRO NOS GUIAS

Perante a diversidade de guias de viagem e escolhas, deparámo-nos com a necessidade de estabelecer critérios de seleção dos guias de viagem que expõem Portugal e/ou o Alto Douro. No fundo, tratava-se de definir as estratégias de apreensão e representação do espaço através da seleção das fontes.

Como procurávamos a visão de Portugal e do Douro no exterior, perante a constatação de que as séries de guias mais famosas incluíam Portugal em guias sobre a Europa e que, posteriormente, se aplicaram na publicação de guias dedicados à Península Ibérica, em consecutivas reedições e traduções em inglês e francês, este foi o nosso universo preferencial.

Deixámos por analisar os guias de viagem estrangeiros dedicados exclusivamente a Portugal porque se situavam, sobretudo, num contexto temporal tardio, já no século XX, pela sua componente repetitiva e porque se alicerçavam, sobretudo, em traduções de guias de autores e edição portuguesas, o que condicionaria o nosso estudo, pois, através do olhar estrangeiro, procurámos uma observação tendencialmente mais distanciada.

Nesta fase etapa começámos por observar quantitativamente a presença do Alto Douro nos guias analisados.

Efetivamente, são poucos guias de viagem dedicados à Europa que se aventuraram em comentários acerca do espaço Alto Douro e acerca das suas características. Este facto leva-nos a crer que o Alto Douro, dada a sua interioridade, salvo raras exceções, se manteve fechado a expedições de forasteiros, o que, por si só, não impulsionava os autores dos guias a promoverem esta região. Esta circunstância levou-nos a analisar, numa primeira fase, obras que apenas divulgavam ideias gerais sobre a região do Douro, ou seja, a partir das descrições da cidade do Porto e sua área envolvente. Tentámos compreender a importância regional do negócio do vinho do Porto, para além das fronteiras

do território vinícola e detivemo-nos, igualmente, na existência, ou não, da noção e da imagem de um território duriense produtor de vinho.

Grande surpresa, aquando da análise dos guias dedicados à Península Ibérica. Obviamente que, pela redução do espaço a descrever, a exposição é mais completa e organizada, constatando-se que quase todos salientam e referem este território. Não podemos, no entanto, afirmar que esta presença é clara ou que os guias dedicam textos especificamente sobre o Alto Douro Vinhateiro, mas, independentemente do tipo de guia, mais descritivo ou mais funcional, esta região acaba por surgir como uma proposta de visita.

Há, assim, uma presença constante e relativamente em termos cronológicos, sendo que a lacuna por volta de 1945 se deve à escassez de guias sobre a Península Ibérica, devido à Guerra Civil de Espanha e durante e logo após a II Guerra Mundial.

Poderíamos supor que esta presença se deve à cidade do Porto e que, o vale do Douro e sua descrição são um prolongamento da difusão da segunda maior cidade do país, mas essa não é a verdade. Desde logo, os itinerários propostos até ao Alto Douro são regulares embora surjam descrições restringidas a localizações precisas ou a generalidades acerca do vinho do Porto.

### PERCEÇÃO DO TERRITÓRIO DURIENSE PRODUTOR DE VINHO

Após tentarmos compreender a importância do vinho do Porto, para além das fronteiras do território duriense, centrar-nos-emos na consciência e conhecimento da existência de um território duriense produtor de vinho. Nos finais do século XVIII, o autor do famoso *Guide des voyageurs*, referia-se a um distrito produtor exclusivo, onde os ingleses compravam toda a colheita que seria depois carregada para os seus armazéns.

Porém, os guias acerca da Europa publicados posteriormente ignoram esta parcela de território e como se centram na cidade do Porto, reportam-se apenas ao negócio do vinho e ao seu peso nas exportações, descrevendo o dinamismo da cidade que advinha deste negócio, ignorando a região vinhateira, território produtor apartado. Esta visão de distância poderia servir de resguardo aos redatores dos guias de viagem, que, naturalmente, possuíam muito mais informação disponível acerca do Porto e de seus arredores. Apenas o

*Harper's handbook*, de 1864, se refere explicitamente a um território adjacente onde era produzido o vinho do Porto.

Na verdade, até 1920, nos guias vocacionados para a Europa nunca houve espaço para este território, como se pode constatar através do quadro.

Apenas em 1936 surgiu uma referência à *Region of Port Wine*, no guia *Fodor*, mas sem convite à viagem, indicação de trajetos ou sugestões de visita no Douro. Aliás, esta será a realidade em todos os guias similares posteriores.

A par desta escassez de informação, a falta de precisão em relação à região vinhateira sempre esteve patente nos guias dedicados à Europa. Na década de 30 a confusão subsistia e o espaço produtor de vinho é registado como uma região abrangente que envolvia toda a vizinhança do Porto.

Apenas na década de 60, com a chegada da aviação comercial, com a reparação das estradas e das vias férreas, com a popularização dos automóveis, que se tornaram acessíveis a pessoas de médios e até de pequenos recursos, as vias de acesso em Portugal simplificaram-se e o fluxo de turistas principiou. As viagens internas passaram a ser cada vez mais comuns e os guias procuravam aconselhar os turistas relativamente a excursões nos subúrbios das principais cidades. O Porto era uma cidade exemplar para este tipo de visita e o Alto Douro começa a fazer parte das propostas de visita, a par de Braga e Guimarães<sup>150</sup>.

Porém, apesar da referência a este território, as informações para quem pretendesse deslocar-se até à região e por lá viajar são escassas e, apesar de nos guias sobre a Europa o Alto Douro surgir, pontualmente, por entre as sugestões de visita em Portugal, esta região nunca é verdadeiramente decifrada. Estava agarrada ao conceito “casa do vinho do Porto”.

Constatamos pois, que a informação constante nos guias sobre a Península Ibérica era objetivamente a única existente, no entanto, a evolução no território passa por fases distintas.

Nos guias dedicados à Península Ibérica, surge quase sempre alguma informação sobre o Alto Douro, mas sem grande rigor e sobretudo ligada a pormenores que rodeavam a produção, acerca das doenças da vinha e mesmo acerca das quintas mais famosas e prósperas, ligadas aos principais proprietários da região, escasseando, contudo, a descrição direta do espaço.

150 FIELDING, 1960.

A evolução no território era pouco perceptível até à década de 1910, e tanto se encontram generalidades sobre o Alto Douro, como referências a povoações, excursões, características da vinha e do vinho e da região como um todo ou áreas em particular.

Após 1910 já se encontram referências a este território e já se encontra a expressão *Paiz do vinho*, as suas características geológicas e a subdivisão deste território em Baixo Corgo e Cima Corgo.

Progressivamente os guias sobre a Península Ibérica passam a dedicar-se, sobretudo, à disponibilização de itinerários sintéticos e apegados aos melhoramentos na linha de caminho-de-ferro do Douro e, gradualmente, a informação acerca do território vai-se desagregando. Nas décadas de 1920 e 1930 esta tendência torna-se evidente, com a descrição da linha, apeadeiros e pouco mais.

A partir dos anos 1940, os guias de viagem sobre a Península tomam outro rumo e passam a apresentar descrições em forma de artigos, baseados e (ou) copiados dos discursos do Estado Novo, onde cada região possuía uma identidade própria, e a informação condensa-se em volta do vinho e da sua produção.

Era a imagem da “nação” a ser transportada para os guias estrangeiros. A terra do vinho faz agora parte integrante dos guias e, de forma sintética (numa ou duas páginas de texto) está sempre presente uma visão da *Land of wine*<sup>151</sup>, do *Wine country*<sup>152</sup>, ou do *Upper Douro*<sup>153</sup>.

Começa a existir uma separação, em capítulos independentes, da cidade do Porto e da região produtora de vinhos, porque, evidentemente, o vinho nasce lá longe, embora ainda sem rigor nas distâncias e nos conselhos aos viajantes acerca do território. Esta falta de rigor denota alguma fragilidade no contacto efetivo dos narradores e autores dos guias com o espaço do Alto Douro, sendo a informação retirada, consecutivamente, de guias antecessores, o que se trata de uma característica inata aos guias de viagem mas que vem desvirtuar a construção da imagem da região, mesmo nos guias que apenas se dedicavam a Portugal e a Espanha.

## A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: O TERRITÓRIO DE VIAGEM, A PAISAGEM, O RIO E OS ASPETOS SOCIAIS

A leitura prende-se, sobretudo, com o estudo de variáveis que pudessem transmitir a realidade espacial dos viajantes e dos durienses no período em análise.

Não nos restam dúvidas de que os autores dos guias que propunham uma visita ao Norte de Portugal estavam conscientes da existência um território adjacente onde era produzido o vinho do Porto. No entanto, apenas no século XX se encontram referências ao antigo *País do Vinho*, tratando-se da parcela de vinhedo mais antiga. Esta área manter-se-ia a mais projetada nos guias como que formando um eixo central -Vila Real-Régua-Lamego.

Sempre houve alguma inconsistência acerca da circunscção desta região, até porque o espaço cultivado de vinha e a demarcação sempre se confundiram. Na verdade, os esclarecimentos acerca da localização, configuração e dimensão apenas se encontram nas entrelinhas e com parco destaque. Os limites estabelecidos no *Mappa do Paiz Vinhateiro* (Barão de Forrester) perduraram no tempo embora saibamos que decorreu um processo de alargamento espacial da região produtora, muito pouco claro nos guias analisados.

O Douro superior, a montante do Cachão da Valeira, apenas desperta a curiosidade dos guias com a finalização da linha do Douro.

Progressivamente os guias passam a dedicar-se, sobretudo, à disponibilização de itinerários demasiado apegados à linha de caminho-de-ferro do Douro e, gradualmente, a informação acerca do território vai-se desagregando, surgindo um Alto Douro ao longo do rio.

Os registos encontrados nos guias, face à rede hidrográfica do Douro, reportam-se quase exclusivamente ao rio Douro, como se este fosse um elemento isolado. Mais uma vez foram as novas ligações ferroviárias e ramais a trazer mais alguns esclarecimentos acerca dos seus afluentes e suas localizações geográficas.

A descrição da paisagem duriense e do meio envolvente é também mais exígua nos guias de viagem do que era expectável. Na verdade, a descrição paisagística está confinada à grandiosidade de uma paisagem declivosa e completamente repleta de vinhas. Cansativa. Imponente e solitária. A hiper-conotação do vinho

151 OGRIZEK, 1953: 431.

152 CLARK, 1953: 116.

153 FODOR, 1960: 399.

na paisagem não é de estranhar, dado que seria esta a grande referência que os autores dos guias possuíam, o que, de certo modo, veio desertificar a paisagem descrita.

Há, na segunda metade do século XX, um retorno à imagem traçada do Douro e dos durienses provavelmente por força das políticas do Estado Novo face às tradições e ao turismo. Inesperadamente voltava-se ao *Paiz Vinhateiro do Alto Douro* de Forrester. Há um regresso à representação do Alto Douro através de uma cortina de idealismo e conserva-se uma imagem que ultrapassa a realidade: o que de facto o Douro vinhateiro seria capaz de ser, mas que de facto nunca foi.

É agora ainda mais notória a presença inglesa e dominante no negócio do vinho do Porto. Na verdade, estes consideravam os portugueses como incapazes de promover internacionalmente o vinho do Porto, e não lhes custava condescender que o vinho do Porto era mais próximo do gosto inglês porque estes eram, genuinamente, melhores apreciadores. É a permanente cedência aos interesses estrangeiros.

No entanto, o retrato dos comerciantes ingleses na região é inexistente, assim como é inexistente, nos guias de viagem, a relação entre os cultivadores e compradores. O mesmo se passava em relação ao papel dos lavradores durienses. Para além do esforço humano de adaptação da cultura da vinha às difíceis condições de terreno acidentado pouco há a reter sobre o Duriense nos guias de viagem. Escasseiam expectativas face aos aspectos sociais e culturais da região. Na generalidade, relativamente a cada povoação, os guias reportavam-se apenas a questões ligadas à sua localização, posição estratégica no comércio da região ou a curtas apreciações sobre a sua organização e valores patrimoniais, esquecendo, de todo, as suas gentes.

Só a partir de meados do século XX se valoriza a azáfama da vindima e se retomam alguns estereótipos e imagens do passado, repetitivos e republicados, porque eram cópias de descrições literárias do século XIX. Voltam a ser transmitidos os momentos de grande movimento associados à vindima, mas nem sempre como uma atividade perfeita, pela extrema dureza de um trabalho mal pago, embora fosse enaltecida a alegria conotada a este momento.

Apesar de nada fazer esquecer a principal função do rio que era o transporte de vinhos até às caves de Vila Nova de Gaia, depreendendo-se pouca utilidade para uso turístico ressurgem alusões a viagens *aventureiras*, de barco rabelo, até ao Porto, que, na verdade

são cópias de relatos de viagem do século XIX que haviam tido grande projeção.

A terra do vinho faz agora parte integrante dos guias sobre a Península Ibérica, no entanto, as informações para quem pretendesse deslocar-se até à região, mesmo depois de 1960, são quase inexistentes e esta região nunca chega a ser realmente descoberta.

Na segunda metade do século XX, com a difusão da informação e a publicação de obras dedicadas ao vinho do Porto, os guias começam a dar, simultaneamente, ênfase a algumas questões técnicas ligadas à degustação e ao processo de envelhecimento do vinho, até aqui ausentes. O mistério de produção do vinho residia no processo de envelhecimento, nas caves, frente à cidade do Porto. E perdura esta ideia de que uma visita ao Porto quase possibilitava a contemplação das vinhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elegemos guias de viagem pela eficácia na transmissão de mensagens objetivas e claras, condensando o que é essencial e elementar do conteúdo das representações turísticas e isso trouxe-nos algumas dificuldades. Há que reconhecer que os guias analisados pertencem a uma literatura puramente informativa. É claro que, numa perspetiva de criatividade literária adquire-se pouco. Os guias de viagem estão mais próximos das enciclopédias do que de romances e, embora, muitas vezes, possam conter fantasia e imaginação, aderem ao seguro e reconhecido. Isso torna o texto mais do que criação, repetição: raramente arriscam expor transformações.

Com efeito, os guias não nos deram o retrato “fiel” do Alto Douro. Constituem, entre outras, visões desta região. Muitos dos aspectos e conflitos do contexto social foram abafados em função da manutenção da dinâmica das relações de poder existentes. Em geral, estas publicações evitaram os conflitos, insatisfações e as debilidades do território, promovendo uma aparente “coesão social”, que sabemos não existir.

Ao longo da análise os guias raramente abordam questões ligadas à história da produção vinícola, ao facto de haver adulterações do vinho, conflitos entre viticultores e negociantes que foram uma constante na história desta região. Curiosamente o papel da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, enquanto reguladora do comércio fica ausente de

apreciações. As questões institucionais e económicas da região, muito diversas ao longo do intervalo temporal de análise foram suprimidas criando um “espaço” temporal sem oscilações o que sabemos ser falso.

Se pensávamos que as variáveis aqui estudadas faziam parte do passado, alicerçando-se na memória de uma região esquecida e, posteriormente, promovida durante um regime de propaganda interna e externa, constatámos que, no caso do Douro, a imagem recuperada do Alto Douro foi a que há muito existia, não se adaptando à evolução no território e à sociedade duriense. Os elementos que se mantêm referência turística são os mesmos de há séculos e a imagem é tão forte que dificilmente mudará, porque os durienses a tomam como verdadeira.

## BIBLIOGRAFIA

FETRIDGE, William Pembroke (1864) - *Harper's handbook for travellers in Europe and the East*, 2.<sup>a</sup> ed.. Nova Iorque: Harper & brothers.

FIELDING, Temple (1960) - *Fielding's Travel Guide to Europe*. Nova Iorque: W.Sloane Associates Inc.

FODOR, Eugene (1936) - *On the Continent*. Londres: Francis Aldor, Aldor Publications.

FORRESTER, Joseph James (1843) - *Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro*. Porto: António Maria de Magalhães.

REICHARD, Heinrich August Ottokar (1793) - *Guide des voyageurs en Europe*, 2 vol., 1.<sup>a</sup> ed.. Weimar: Bureau de l'Industrie.

CLARK, Sydney (1953) - *All the best in Spain and Portugal*. Nova Iorque: Dodd, Mead.

OGRIZEK, Doré (1953) - *Spain and Portugal*, Coleção *World in colour series*. Nova Iorque, Londres, Toronto: McGraw-Hill Publishing.